

EDITORIAL

MIX SUSTENTÁVEL VOL. 8 N. 4 — EDIÇÃO REGULAR

E estamos publicando mais um número da MIX Sustentável, ainda na expectativa de um novo Qualis. Mesmo que o Qualis tenha sido desenvolvido para avaliar a produção dos pesquisadores vinculados aos programas de pós-graduação no Brasil, o método virou uma baliza para a avaliação dos periódicos, pois não há outro método comparável com amplo alcance que o possa substituir no Brasil. A espera desses 7 anos, desde 2015, quando a revista Mix Sustentável, teve o seu primeiro e único Qualis atribuído é penosa aos editores, equipe e pesquisadores. Esse assunto é recorrente em nossos editoriais, mas não há de deixar de pontuá-lo no momento em que dependemos dessa avaliação para indexação em diversas bases ou mesmo para concorrer em oportunidades de fomento.

A incoerência principal é que os concursos públicos e rankings avaliativos da produção dos pesquisadores, quer para contratação de docentes adjuntos, quer para ingresso em programas de pós-graduação, por exemplo, continuam utilizando uma tabela defasada, prejudicando o trabalho realizado por milhares de pessoas no país. Os editais lançados por órgãos de fomento ignoram o fato de que foi lançado em 2019 um novo Qualis referência, que inclui dezenas, talvez centenas de novos periódicos, que ficam excluídos por não terem seu Qualis atribuído. Milhares de pessoas que dedicam-se como avaliadores, como editores, como revisores, como autores lamentavelmente precisam conviver com um modelo deficiente, que engessa a ciência brasileira mantendo o status quo operante que beneficia a estagnação. Se por um lado, com a avaliação ficam evidenciadas injustiças quanto ao mérito, por outro, não nos parece coerente sua utilização em um sistema que está provando a sua ausência.

Apesar disso, procuramos assegurar um padrão de qualidade, procurando na medida do possível, dar nossa contribuição à ciência brasileira, publicando artigos sem custo, com o menor tempo possível de processo editorial. Contamos para isso com um grupo importante de professores/pesquisadores, de vários lugares do mundo, que atuam com editores de seção, auxiliando no processo de designação dos artigos para os avaliadores no sistema duplo-cega.

Todo o processo editorial é realizado por alunos bolsistas da universidade, cujo projeto precisa ser renovado anualmente e não foi exceção termos edições em que os próprios editores precisaram participar do processo de formatação final para que os prazos fossem cumpridos. Em sete anos de existência, a MIX Sustentável mantém-se como uma importante fonte à todos que procuram pesquisas de ponta na área da sustentabilidade projetual, com contribuições nas engenharias, arquitetura e design.

Cabe aqui uma reflexão quanto ao que seria um periódico com publicações de qualidade. Será que os índices de citações, muitas vezes forçados e reproduzidos pelas más práticas editoriais são os aspectos que devem ser considerados para mensurar a qualidade do periódico? Ou será que são aspectos como a existência de um DOI (Digital Object Identifier), a atribuição de autoria segundo o sistema CREDIT, a revisão dupla-cega ou a revisão declarada característica da ciência aberta, a existência de um membrete bibliográfico ou uma série de padrões formais de editoração que terão a capacidade de dizer se a pesquisa, que ora se publica, é realmente fruto de uma ciência verdadeira?

Mesmo considerando que os revisores aos quais se designa a avaliação sejam de altíssimo gabarito e experts em suas áreas de atuação, darão conta, enquanto humanamente possível, de dominar todas as especificidades dos temas e conteúdos que podem surgir e serem objeto da inovação em pesquisa? E mesmo assim, em sendo o conteúdo inovador, e original, em que pese um saber desconhecido, até que ponto, não seria refutado ou desconsiderado por um avaliador experiente?

E como, o cenário internacional tem valorado as pesquisas oriundas de países que não possuem tanta tradição nas publicações ditas, qualificadas, entenda-se aí, aquelas com alto índice de citações ou mesmo na língua inglesa? Até que ponto o ranking top dos tops é influenciado pelo prestígio dos pesquisadores ou de suas origens?

Seguindo nessa reflexão, quais seriam os atributos de uma publicação que realmente seja qualificada? Em sendo fruto de teses de doutorado, dissertações de mestrado ou projetos de pesquisa financiados, que por sua vez passaram

por avaliação de uma equipe, já não seriam por si só qualificadas? De outro lado, o quanto a avaliação dessas pesquisas realmente avalia a qualidade de seu conteúdo, ou considera mais a persistência dos pesquisadores em concluir um determinado ciclo. Há muito tempo que não vejo um trabalho de doutorado ou mestrado ser desqualificado perante uma banca. Ainda que o seja, são muitas as possibilidades de correções e oportunidades de revisão.

Entre tantas dúvidas e reflexões, seguimos na espera e na busca por respostas. Mas que nossa espera não seja em vão e nem inertes. Seguimos qualificando no processo editorial. Tentando auxiliar na melhorias dos artigos que são apresentados em nosso periódico. Nesse processo, mais incertezas nos surgem no momento de analisarmos as responsabilidades que cabem aos editores dos periódicos.

Participando de um fórum sobre ciência aberta e o processo de editoração, demo-nos conta do esforço colossal que fazemos para publicar um periódico acadêmico, sem custo, com o simples ímpeto de difundir o conhecimento. Ao nos compararmos com as grandes editoras, que com equipes de revisores de linguagem, equipes de atribuição de DOIs, de diagramação final, e geração de arquivos Xml, de web design e a multidão de pessoas que participam do processo com fluxos editoriais de 3 meses ou mais, vemo-nos quase insignificantes, com nossa dúzia de editores e alunos bolsistas (um ou, com muita sorte, dois, que fazem a diagramação dos artigos), onde um tempo de ciclo de 6 meses, parece-nos até curto, ante a desistência e boa vontade de muitos de nossos revisores, que não ganham um tostão sequer para cumprirem seus afazeres.

E nessa luta, sempre com o pensamento leve e a frente, seguimos fazendo a ciência. A melhor que está ao nosso alcance. Com a difícil tarefa de competir com gigantes, apresentamos agora nossa humilde contribuição desse mês, com os artigos que compõem o presente número:

Proveniente da Universidade da Flórida, pode-se resumir o artigo 1 nas palavras do autor: “Mais cimento não necessariamente melhora a qualidade do concreto ou agiliza os cronogramas de construção”. E é a função desta observação que se concentra o trabalho.

O artigo 2, vem do Sul do país, da Unisinos, e tem por foco a sustentabilidade em materiais. Apresenta como objetivo verificar a possibilidade de valorização da fibra da casca de coco para produzir carbonizados e avaliar a influência das condições de pirólise no seu potencial de uso como condicionador de solo.

O terceiro artigo foca no design de moda e na economia circular, e é resultado da combinação de pesquisadores de três universidades: Universidade Federal do Pará, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Estadual Paulista. Os resultados da pesquisa realizada apontam que o Slow Fashion é um movimento com aderência no Brasil e tem presença na plataforma Instagram. Desejamos a todos uma excelente leitura.

O artigo 4, também vem da UNISINOS, e tem por objetivo verificar o BIM como suporte à avaliação do ciclo de vida de edifícios, assim como o quinto artigo, da mesma instituição, com participação de pesquisador da Cooperativa Paulo Freire. O tema central do artigo é a busca pelo beneficiamento de lâmpadas LED inservíveis através de uma cooperativa de reciclagem da região.

O sexto artigo vem da UDESC, e trata de um estudo sobre a Renda de Bairo, considerado como um “produto catarinense de luxo sustentável”.

O artigo 7 vem da PUC-Rio, e tem por objetivo apresentar a estreita relação que intercorre entre design estratégico e sustentabilidade. Já o artigo 8 volta ao assunto da construção civil, e é resultado da combinação de pesquisadores do ITA, IPE e IFESP, além da participação de um pesquisador do Panamá. Tem por objetivo demonstrar a viabilidade técnica e econômica da reutilização do resíduo industrial Areia Descartada de Fundação (ADF), como agregado em artefatos de cimento.

O nono artigo, da UFSB, aborda o tema da Ecovilas, cuja análise dos dados permitiu compreender como tais ocupações interagem com os meios sistêmicos preexistentes, além de discutir o grau de impacto ambiental considerando os meios sistêmicos concomitantes.

De um grupo de trabalho mútuo envolvendo pesquisadores da Unila, UFPR e Unoeste vem o décimo artigo, que procura caracterizar o consumo de madeira para execução de sistemas estruturais em concreto armado. E o artigo 11 aborda a Casa Popular Eficiente da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).

Completando a seção de artigos, pesquisadores do Pos-ARQ da UFSC apresentam um trabalho de paisagismo, estabelecendo atributos a serem considerados como diretrizes de projetos de restauração das bordas de rios urbanos em prol da qualidade ecológica relacionada aos rios, promovendo a qualidade de vida nas cidades.

A edição ainda conta com 4 resumos de trabalhos finais, sendo um em nível de graduação, um resumo de defesa de dissertação de mestrado e dois resumos de tese de doutorado.

O professor Fabiano Ostapiv, doutor em engenharia mecânica e professor titular na UTFPR, uma das referências brasileiras no estudo de bambu é o entrevistado da edição.

Desejamos a todos uma excelente leitura,

LISIANE ILHA LIBRELOTTO E PAULO CESAR MACHADO FERROLI

EDITORES DA MIX SUSTENTÁVEL